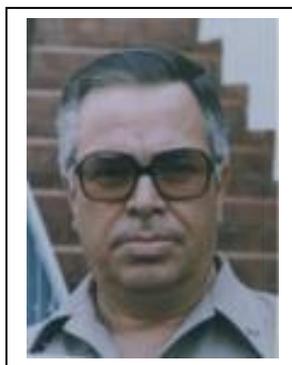


**FHE** **POUPEX**

## O USO MILITAR DE JANGADAS NO BRASIL - UM EXEMPLO



**Coronel Eng Claudio Moreira Bento**

**Historiador Militar e Jornalista. Natural de Canguçu-RS. Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército. 1971-1974. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980 . Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1980. Resgatou a História de seu berço natal Canguçu, em especial em vários livros e artigos e em seu livro Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstituição de memória comunitária. Resende: AHIMTB/ACANDHIS, 2007, cujas capas são de autoria de seu filho Capitão de Mar- e-Guerra Carlos Norberto Stumpf E de longa data integra o Instituto de Estudos Valeparibanos**

Artigo digitalizado para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado em Boletim a AMAN , e em levantamento para integra-lo no programa Pergamium

## O USO MILITAR DE JANGADAS NO BRASIL - UM EXEMPLO

### Cel Cláudio Moreira Bento

De 1763 a 1777, a posse do Rio Grande do Sul foi disputada pelas armas entre Portugal e Espanha. Os espanhóis o invadiram a partir de Buenos Aires, em 1763, pelo litoral e, em 1771-1774, pela campanha, chegando a controlarem cerca de 2/3 de seu atual território, com suas bases em Rio Grande, Santa Tecla (próximo a Bagé) e São Martinho (próximo a Santa Maria e chave do acesso aos Sete Povos das Missões).

Em 1774, Portugal decidiu desfechar uma contra-ofensiva para recuperar o Rio Grande, tendo organizado o poderoso Exército do Sul, ao comando do Tenente-General Henrique Bohn, contratado por Portugal para liderar a empresa, e mobilizando recursos de toda a ordem em Portugal, no Brasil e em Angola. O Exército foi concentrado em São José do Norte tendo como base logística Porto Alegre e efetivos em Rio Pardo, para atuar na campanha à base de guerrilhas, na condução da Guerra à Gaúcha.

E primeiro expulsou os espanhóis de São Martinho, em 31 de outubro de 1775, de Santa Tecla, no início de 1776, e reconquistou a Vila de Rio Grande (1º de abril de 1776) que havia 13 anos estava em poder de Espanha.

Para o sucesso dessa feliz empresa das três vagas de assalto à margem sul do sangradouro da Lagoa dos Patos, 13 jangadas, construídas com madeira especial enviada de Pernambuco, e por uma equipe composta de 1 sargento e 7 soldados pernambucanos de Regimento de Henriques que guarnecia a ilha de Santa Catarina.

Os detalhes dessa operação pouco conhecida abordamos em nosso livro **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774-1776**. Rio de Janeiro, BIBLIEx, 1996, com apoio Nas Memórias e cartas ao vice-rei do Tenente-General Bohn, as quais revelamos pela primeira vez, no todo e em português, depois de traduzidas do francês pelo Coronel Nei Paulo Pannizzutti e com 260 notas e vários outros complementos, inclusive respondendo a quesitos formulados pelo Estado-Maior do Exército para pesquisas em seu proveito. Este livro está hoje disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)

A presença de jangadas foi assim resumida na Memória de Bohn:

***“... Em 5 de janeiro de 1776, recebi de Pernambuco várias sumacas com madeiras de Pernambuco para a construção de jangadas. Pedi a um pernambucano aqui residente que construísse uma jangada, o que ele a fez pequena sem se responsabilizar-se por sua eficiência.***

***Ela movimentou-se bem a remos e a vela, apesar de haver provocado risos na tropa por seu aspecto. Pedi ao governador de Santa Catarina que me enviasse soldados de Pernambuco ali destacados e que soubessem fabricá-las.***

***Em 26 de janeiro de 1776, ele enviou um sargento e 7 soldados capazes, que logo iniciaram a construí-las com madeira mais porosa e leve do que a cortiça, só conhecida em Pernambuco, já acontecendo de algumas terem chegado até a Bahia (...). Essas jangadas têm calado ínfimo e aqui andam muito depressa.***

***Mandei construir 4 na Fronteira Norte (São José do Norte atual) e 4 no Lagamar (enseada fora da barra onde aportavam navios portugueses sem interferência inimiga). Comecei a exercitar os soldados a manejá-las e a nelas confiar quanto a sua segurança...”***

O plano de Bohn era usá-las no assalto a fortes espanhóis na margem sul. Assim ele escreveu ao Vice-rei em 10 de março de 1776:

***“... o rei possui agora aqui barcos muito apropriados para navegar (no Sangradouro da Lagoa dos Patos). As jangadas são o que há de melhor para***

***atravessar e transportar pessoas e tem acesso a todos os locais, em razão da pouca profundidade das margens do sangradouro. Quando mandei construir a primeira a tropa riu a socapa. Logo a seguir, aplaudiram o seu desempenho operacional...”***

Na madrugada de 1º de abril de 1776, elas transportaram com sucesso, em dois escalões de ataque com 200 granadeiros cada, as duas primeiras vagas de assalto, sendo a do Ataque Principal guiada pelo Tenente de Dragões e Ajudante de Ordens de Bohn, nascido em Rio Grande - Manoel Marques de Souza, atual denominação histórica da 8ª Brigada Motorizada, com Quartel-General em Pelotas. Granadeiros do atual Batalhão Sampaio encarregaram-se do ataque secundário.

Em carta de 8 de setembro de 1776, ao Vice-Rei Marquês do Lavradio, Bohn escreveu:

***“... A opinião de V. Excia. sobre o uso militar das jangadas é tão justo que sem elas eu teria tido dificuldades de atravessar o Sangradouro (de São José do Norte atual a Rio Grande). Ficaria encantado de receber mais madeira para fabrica-las...”***

A Revista Militar Brasileira, atual Revista do Exército (janeiro/junho de 1976 p. 26) publicou uma gravura da época focalizando uma dessas jangadas, em artigo de Abeillard Barreto.

Este é mais um eloqüente exemplo da criatividade militar luso-brasileira e da sua singular contribuição para o sucesso da grande operação anfíbia conjunta, Exército e Esquadra, que reconquistaram a Vila de Rio Grande, em 1º de abril de 1776, definindo assim, pelas armas, o destino brasileiro do Rio Grande do Sul, confirmado pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1777.

Hoje os que andam de jangada a vela sobre trilhos, atração turística no molhe sul da barra do Rio Grande, longe estarão de imaginar que treze delas foram importantes para transpor, de São José do Norte para o lado da cidade de Rio Grande, as tropas luso-brasileiras que a reconquistaram aos espanhóis, em 1º de abril de 1776, dia de São Francisco de Paula, nome primitivo da cidade de Pelotas e o seu padroeiro em reverência aquela feliz reconquista.